



ASPECTOS TEÓRICOS DA HISTÓRIA DA CARTOGRAFIA: VINTE ANOS DEPOIS *

■ ED DAHL** E ANDRÉ NOVAES REYES***

Para a décima sexta Conferência Internacional sobre História da Cartografia, ocorrida em Viena em 1995, Ed Dahl convidou três colegas - Matthew Edney, Christian Jacob, and Catherine Delano Smith – para apresentarem artigos em uma sessão especial sobre o papel da teoria na história da cartografia. Naquela ocasião, ele afirmou que os aspectos teóricos dos trabalhos em história da cartografia seguiam uma “área pouco enfatizada e desenvolvida” (Dahl, *Imago Mundi*, 1996:185). Os três artigos e cinco comentários foram publicados na *Imago Mundi* em 1996 e o debate circulou por muitos espaços acadêmicos. A sua recepção entusiástica e a sua ressonância sugerem a necessidade de mais discussões sobre teoria na história da cartografia.

Agora, mais de duas décadas após a sessão de 1995, propomos revisitar essa questão na vigésima sétima edição da Conferência Internacional sobre História da Cartografia, em Belo Horizonte. O que aconteceu nas últimas décadas? Quais novas questões e teorias são importantes para os debates contemporâneos? Quais tendências na história e nas ciências sociais podem fazer parte de novas abordagens teóricas na história da cartografia?

Como Matthew Edney (1996:185) destacou em seu artigo, as "teorias encontram-se nas raízes de todo estudo empírico, sejam elas reconhecidas ou não". Sendo assim, a questão central não é se devemos ser mais ou menos teóricos, mas que teorias devemos examinar. A sessão

especial proposta aqui buscou ir além e explorar influências intelectuais de diferentes espaços acadêmicos. Ciências cognitivas, antropologia visual, antropologia do conhecimento, história da arte, teorias “mais-que-representacionais”, micro história e cultura visual são apenas algumas das tendências que podemos identificar hoje.

Os trabalhos publicados na sessão de Viena podem ser pouco representativos da subdisciplina como um todo, pois os participantes eram majoritariamente anglófonos. Em conferências futuras, escreveu Ed Dahl, o debate “deve ser acessível para todos que desejem participar, independente da língua” (Dahl, *Imago Mundi* 1996:203). Para a sessão em Belo Horizonte, planejamos explorar formas de tornar a discussão mais acessível para participantes cuja primeira língua não é o inglês. Essa é a razão última pela qual publicamos aqui, no número 39 da E&C, a tradução para o

português dos artigos originalmente publicados no periódico *Imago Mundi* em 1996.

Agradecimentos: Somos gratos a Carla Lois (National Research Council-Argentina) e a Jörn Seemann (Ball State University- USA) por se juntarem a nós nesse desafio. Agradecemos também a Christian Jacob (Centre National de la Recherche Scientifique in Paris), que submeteu um resumo, mas infelizmente não pode comparecer a 27ª ICHC.

NOTAS _____

* Proposta apresentada para a sessão B20 na vigésima sétima edição da Conferência Internacional em História da Cartografia, Belo Horizonte, Brasil, de 9 a 14 de julho de 2017.

** Especialista em cartografia antiga no *Public Archives of Canada*.

*** Professor Adjunto do Departamento de Geografia Humana do Instituto de Geociências da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.